

O Berço da Música¹

Milton Raulino de SOUZA NETO²
Renata Maria Victor de ARAÚJO³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A música é uma das expressões artísticas mais populares do mundo, estando presente na vida dos homens desde as mais antigas sociedades. Sustentada pela necessidade humana de se expressar, a arte se aprimorou e evoluiu juntamente com seus criadores, que deram à luz também a instrumentos de produção sonora. O trabalho de Fotojornalismo “O berço da música”, apresentado na conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), explora o universo dos fabricantes e restauradores de instrumentos musicais – os luthiers. Produzido em diferentes ateliês de lutheria, essencialmente no Recife, o ensaio se debruça sobre confecções de objetos musicais das culturas erudita e popular e esbarra nas histórias de jovens e antigos artesãos, movidos por disciplina, esforço, talento e, principalmente, amor à música.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; instrumentos musicais; lutheria; luthier; música.

1 INTRODUÇÃO

Usar uma arte para explicar outra não é tarefa fácil, sobretudo quando ambas não compartilham do mesmo nicho sensorial. Enquanto a música faz apelo aos ouvidos, a fotografia, bem como qualquer outra arte visual, estimula a visão. Há os que não enxerguem o ato fotográfico como processo artístico, mas a capacidade comunicativa permitida pela sensibilidade do homem através da câmera é a mesma inerente às expressões artísticas.

Da mesma forma que uma pintura, por exemplo, expressa uma mensagem com conteúdos objetivo e subjetivo ao mesmo tempo, semelhante acontece com a fotografia. O manejo técnico do fotógrafo e o mecanismo da câmera geram o produto final, que, à primeira vista, parece informar apenas um fato, simples e direto; mas, indo além, é possível perceber que a foto proporciona sensações e permite a quem observa a foto experimentar a

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Fotojornalismo (Conjunto).

² Aluno líder e estudante recém-graduado do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: miltonraulino@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Unicap, email: forenatavictor@gmail.com.

emoção sentida pelo autor da obra no momento de registro da cena.

“Há quem situe a fotografia como simples processo de reprodução mecânica. Entretanto, esse ponto de vista corresponde ao desconhecimento das inúmeras oportunidades que ela oferece à criação artística propriamente dita. A todo momento, ocorre a intervenção humana, ora no sentido de optar por essa ou aquela maneira, ou material, ora no sentido de conduzir o trabalho em rumos criativos inéditos, ou quase inéditos.” (KELLY, 1972: P. 84)

Por esse mesmo motivo, a fotografia e o jornalismo caminham muito bem juntos. O fotojornalismo se coloca a serviço da sociedade, denunciando ou explicitando temas da cultura que, muito naturalmente, também possuem sua carga emotiva, podendo causar comoção aos demais. Essa constatação nos leva a crer que, “pelo que tem de criativo, de comunicabilidade, de integração social, de emoção coletiva, de valorização do cotidiano, de mensagem para o futuro e, até, de perenidade, deve-se considerar o jornalismo também uma arte” (KELLY, 1972: P. 163).

Este ensaio, produzido como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), foi produzido de maneira a congregar três diferentes expressões artísticas – fotografia e jornalismo como instrumento e música como tema –, sem esquecer a missão de utilidade pública delas: “A arte revela outro ângulo da verdade: a verdade intuitiva e profética – uma verdade sem fronteiras, uma realidade à revelia do real, um documento humano acima do tempo” (BARTHES, 1984: P. 10). No entanto, neste trabalho, todos três se emprestam a uma quarta arte – a lutheria –, que foi o tema final escolhido para ser retratado.

Lutheria é o termo que define a fabricação de instrumentos musicais. A palavra vem de *luth*, do francês, que significa alaúde, popular instrumento da Europa na idade média. Logo surgiu também o termo *lutherie* ou “fabricador de alaúdes”, profissional que não só confeccionaria alaúdes, mas muitos outros instrumentos de corda. O ofício tem origem nos tempos áureos do Renascimento Cultural, especialmente na Itália, entre os séculos XV e XVII. Atualmente, o luthier é designado como um artesão – artista – que constrói ou faz a manutenção de instrumentos musicais de qualquer tipo, sejam eles de corda, de sopro ou de percussão.

Por trás de uma faceta artística, a lutheria também tem funções sociais – manter o mercado da música com instrumentos em bom estado de uso e promover a continuidade da composição de melodias, método popular de comunicação entre os homens –, fato que torna o ofício relevante em ser analisado. Sob o ponto de vista fotográfico, mais do que

abordagens estéticas, o ensaio “O berço da música” procura explorar diálogos sobre a área, que é pouco conhecida pelo senso comum.

Estreitar as relações entre sociedade e arte estimula a disseminação da cultura e a proliferação de manifestações nos mais variados gêneros. Esse compromisso, comungado também pelo fotojornalismo, é próprio de toda expressão humana, o que sugere que, todas essas instâncias, servindo tanto à informação quanto aos sentimentos, se servem em um propósito único – comunicar, no sentido mais literal da palavra:

“E para que serve a comunicação? Serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias, sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas.” (BORDENAVE, 1997: P. 36)

2 OBJETIVO

O trabalho “O berço da música” se destina a explorar, através de fotos, o ofício da lutheria e dos artesãos que confeccionam e restauram instrumentos musicais. O intuito do ensaio é promover a divulgação cultural de um viés artístico, mais específico do mundo da música, que é pouco disseminado, colocando em prática os embasamentos de fotojornalismo obtidos no âmbito universitário.

3 JUSTIFICATIVA

Este foi o primeiro desafio enfrentado para se construir um ensaio fotográfico pautado na música – deixar que as fotos pudessem cantar ou tocar um pouco de música sem se restringir apenas ao lado estético e poético da arte. “A foto que cujo sentido causa muita impressão é logo desviada; é consumida esteticamente, não politicamente” (BARTHES, 1984: P. 58/59). Para tanto, o elo de equilíbrio buscado para balancear este trabalho consistiu em direcionar o tema para dois vieses específicos.

O primeiro deles foi abordar um tema factual relacionado à música, porém que tivesse sido pouco tratado, especialmente em fotografia, tomando cuidado de não recair em assuntos já muito explorados. O segundo viés, que gerou o tema em si, adveio da semiótica, que me provocou o seguinte questionamento: o que precede a música antes de existir a própria música? Foi então que, desdobrado em cima do fotojornalismo, o tema deste

trabalho – a atuação do antigo ofício dos luthiers no Recife e a fabricação e a restauração artesanal de instrumentos musicais na capital pernambucana – se fundamentou, sob o título “O berço da música”.

O assunto se mostrou bastante vasto e revelou uma necessidade latente de se expor, visto que, ao longo dos anos, a lutheria vem passando despercebida e possui pouco reconhecimento da sociedade. No Brasil, existem muitos profissionais da área de lutheria, mas a maioria se concentra no Sul e Sudeste, onde existem mais oportunidades de trabalho. No Recife, alguns poucos artesãos executam o ofício com maestria, apesar das dificuldades. Em tempos modernos, o trabalho artesanal é lento e caro frente à produção industrial em larga escala. Por isso, a maioria desses profissionais hoje tem sua arte mais focada no reparo e na manutenção de instrumentos do que na fabricação dos mesmos.

Os próprios artesãos sabem reconhecer que a demanda de serviço diminuiu ao longo dos anos. Antigamente, essa não era a realidade; quando queriam comprar um instrumento musical, as pessoas geralmente encomendavam a um luthier; era um sinal de que obteria uma peça única, de grande durabilidade, com acabamento e estrutura perfeitos. No começo e em meados do século XX, ainda era visível a atuação de grandes luthiers, como Gianinni e Di Giorgio, que se destacaram na produção artesanal de violões no Brasil. Hoje, esses nomes, através de seus descendentes, estampam o nome de fábricas que produzem instrumentos em escala industrial, sem a precisão e o esmero de um artesão. Logo vê-se que o que mudou não foi a demanda – que, na verdade, cresceu –, mas a forma como a sociedade supre suas necessidades: demanda com eficiência e quantidade, mas com menos qualidade. São, definitivamente, outros tempos.

Mas aí, quando um instrumento musical quebra, o dono pensa: E agora, existe concerto ou jogo fora para comprar um novo? A lutheria atesta que a primeira saída (ainda) é possível, fato que a faz sobreviver substancialmente na capital pernambucana. Os profissionais da área são pouco ou quase nada conhecidos, a não ser por quem anda pelo meio musical. A profissão também enfrenta uma crise diante da falta de interesse de jovens em darem continuidade ao trabalho, que é liderado, em sua maior parte, pelos antigos luthiers.

É fato que, no Recife, existem poucos jovens no ramo; no entanto, menor ainda é o número de cursos para que se aprenda o ofício. A informalidade e o individualismo são grandes dentro do meio; os profissionais da área trabalham isoladamente, conhecem apenas de longe outros colegas – a competitividade artística os impede de uma amizade mais

profunda, exceto raras exceções. Quando muito, instruem aprendizes, que também são poucos, devido a tal falta de interesse dos mais jovens em seguir a profissão. Muitos luthiers nem sabem que o trabalho que fazem tem um nome próprio – consideram-se apenas artesãos. São homens simples, muitas vezes rústicos, mas de extremos talento e sensibilidade, com conhecimentos vastos em áreas como desenho, química, marcenaria, ferraria, pintura e, claro, música.

Tal como todo trabalho artístico, a produção dos luthiers é lenta e muitas técnicas utilizadas são aprendidas no próprio campo do experimentalismo; e os conhecimentos repassam de geração em geração, de mestre para aprendiz. Contudo, muito dessa herança vem se perdendo deliberadamente por conta da interrupção do processo de perpetuamento da lutheria. Diante disso, este trabalho se pautou em mostrar como está a profissão atualmente na cidade do Recife, a fim de divulgar a sua real situação para a sociedade, sem esquecer o brilhantismo e a bela estética que ela preserva mesmo em tempos difíceis.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização deste trabalho fotográfico foi utilizada uma câmera Canon T2i, com lente objetiva grande angular, de alcance 18-55 mm. Todas as fotos foram realizadas durante o dia, com o intuito de acompanhar a rotina de trabalho dos luthiers em seus ateliês, além de aproveitar a claridade natural nos ditos ambientes.

Uma vez tendo os instrumentos musicais como os personagens principais das fotos, os registros priorizam ângulos mais fechados para revelar detalhes das peças fotografadas. Por esse mesmo motivo, a grande maioria dos cliques também apresenta pouca profundidade de campo, no intuito de priorizar elementos cruciais do ensaio, que são os instrumentos e seus adornos. O foco e o desfoque também foram trabalhados, havendo jogo entre diferentes planos, e uma brincadeira com zoom, que foi utilizada para exercitar o desfoque que dá sensação de profundidade e movimento à fotografia.

Para que não houvesse rompimento da lógica, já que, sem o homem, os ditos objetos não existiriam, as fotos se contextualizam com a presença dos objetos – em fase de confecção, manutenção ou já concluídos – sendo manuseados pelos artesãos, que, por muitas vezes, também empunham os instrumentos para tocá-los; afinal, todo luthier é também um pouco músico, ou vice-versa.

Para o trabalho de conclusão de curso em Jornalismo foram reunidas 56 fotografias entre quase 500, sendo duas delas uma foto-montagem de outros três cliques. Ao todo,

foram fotografados nove artesãos ao longo de quatro meses, contemplando a atuação da lutheria em seis instrumentos musicais: piano, violino, flauta, violão, alfaia e agbê. A ideia proposta pelo ensaio é abranger aparelhos sonoros de diferentes culturas, passando do erudito ao popular, sem esquecer de abrir um espaço também para a música regional – neste trabalho, representado pelos instrumentos do Maracatu, gênero afro-brasileiro que teve suas primeiras manifestação ocorridas em Pernambuco. Essa visão estendida se propõe a explorar a pluralidade musical brasileira, bem como mostrar a diversidade de atuações do luthier, que pode se especializar em diferentes segmentos.

A fim de produzir uma linearidade no ensaio, o trabalho em sua versão completa mostra os instrumentos em três fases: a primeira é representada pelos objetos depredados ou em fase inicial de confecção; a seguir, em uma etapa intermediária, os mesmos podem ser vistos sendo trabalhados ou recuperados pelos artesãos; por fim, a última fase mostra os seis instrumentos contemplados nas fotos prontos para o uso, sendo utilizados pelos músicos ou pelos próprios luthiers.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O trabalho “O berço da música” começou a ser executado em agosto de 2012 com a etapa de pesquisa, a qual consistia na busca de informações sobre o tema na internet, consulta a alguns profissionais da área de música e procura pelas primeiras fontes. O primeiro empecilho aconteceu neste campo, uma vez que não foi encontrado nenhum material científico, escrito ou pela internet, sobre esse tema, o que dificultou a pesquisa do assunto na área acadêmica. Todo o conteúdo aqui apurado foi obtido através de entrevistas e pesquisas informais.

A princípio, duas fontes foram encontradas – uma delas foi a empresa Chateaubriand Pianos, que se dispôs a colaborar com o trabalho sem hesitar. A firma, que é uma das únicas do ramo em Pernambuco a ter uma fabricação constante de pianos, conta com muitos funcionários, todos muito receptivos às fotos. Essa foi a única empresa abordada no trabalho, sendo todas as outras fontes luthiers que trabalham independentes em ateliês próprios.

Já a segunda fonte que citei acima não quis se expor e preferiu não participar do ensaio, fato que ocorreu também com outros dois contatos. Diante disso, foi preciso mudar de personagem ao longo do caminho, o que mesclou a etapa de produção com a de execução. Um dos luthiers, mais jovem, estava bastante ocupado com suas demandas –

além de construir instrumentos, se revezava em aulas de música, o que deixava seu tempo bastante curto. Já o outro artesão, um senhor bastante experiente, já fora um dos mais importantes luthiers da cidade, mas recentemente havia diminuído em muito o seu ateliê por conta de dificuldades financeiras e de saúde, passando a trabalhar timidamente apenas para manter a lucidez na terceira idade. Esse ponto foi um dos mais delicados na elaboração do trabalho – lidar com a dor de profissionais em declínio, que amam a profissão, mas que sofrem pelas dificuldades que ela suscita. No decorrer dos meses, encontrei outro luthier em situação parecida, o Mizinho, mas que, mesmo transparecendo esse pesar, fez questão de participar do trabalho e mostrar o que sabia fazer.

De forma geral, achei excêntricos, os luthiers que atuam no Recife. Tal como de fato são muitos artistas, principalmente os músicos; complexos, reservados, cheios de manias e métodos criativos, e até meio desconfiados. Mas com um pouco de conversa já se permitiam sorrir um pouco e contar histórias sobre suas vidas. Na fase elaboradora, procurava agendar pelo menos dois encontros com cada personagem: o primeiro era mais para conversar, quebrar o clima do primeiro contato, conhecer mais sobre a pessoa e ganhar confiança; no segundo, já se tornava mais fácil ir direto às fotos, e o trabalho fluía com mais facilidade. Apenas um artesão tive que fotografar em um único encontro, por conta de indisponibilidade de tempo – tratava-se de Maureliano Ribeiro, um importante construtor de alfaias, tambor típico do Maracatu, que trabalhou com Chico Science, nome icônico da música do Recife que fundou o Movimento Manguebeat na década de 1990.

Algumas fontes mais estabilizadas não exerceram dificuldade em se mostrar à câmera; expunham seu ofício com muito orgulho, conversavam bastante, faziam sugestões e se mostravam receptivos em colaborar com posições mais favoráveis para as fotos. Foi o caso de Júlio Rocha, luthier da Escola Formadora de Luthier e Archetier da Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque – projeto social no qual trabalho desde meados da faculdade; através de aulas de música e lutheria, promove inclusão de crianças e jovens da comunidade do Coque, uma das mais pobres e violentas do Recife –, e de Moisés Diniz, um flautista baiano radicado em São Paulo, o qual fiz questão de conhecer para fotografá-lo em ação quando estive na capital paulista, em novembro de 2012; primeiro pela especificidade de seu ofício – segundo professores do Conservatório Pernambucano de Música (CPM), não há luthiers de flauta no Estado – e segundo pela sua simpatia, talento e amor pela profissão. Moisés foi o último artesão fotografado; mesmo fugindo à regra do trabalho – retratar a lutheria no Recife –, a abordagem ao “fluthier” – termo como Moisés se denomina

– serviu para mostrar também o que há além dos limites de Pernambuco, da mesma forma que também explicita a carência que o Estado apresenta na referida profissão.

Apesar do atraso provocado pela tentativa de conseguir novas fontes, essa problemática não chegou a interferir no prazo de elaboração do trabalho. O tempo vago serviu para fotografar eventos musicais do Recife no qual os instrumentos contemplados pelo ensaio se mostravam em ação. Foram eles: o Festival Debussy-Albeniz, a Mostra Internacional de Música em Olinda (Mimo) e um concerto com a Orquestra Criança Cidadã dos Meninos do Coque. Isso sem falar em cliques de apresentações no Conservatório Pernambucano de Música e na Escola Estadual Professor Alves Cruz, em São Paulo, uma segunda exceção geográfica que permitiu um registro inusitado – fotografar um grupo de Maracatu fora do Nordeste, onde o gênero é bem menos difundido. Esses registros ilustraram a terceira fase do ensaio, que contempla os instrumentos prontos, pós-confecção ou pós-restauração, já na mão dos artistas.

6 CONSIDERAÇÕES

A fotografia, enquanto arte, não pode apenas informar, de forma racional, sem permitir quem a admira sentir mexer as emoções. Assim também acontece com o jornalismo, que “assemelha-se aos demais processos de criação artística: captação sensível do fato, comunicação inteligente do fato, contando o contável e provocando nas entrelinhas as sugestões que sua palavra enxuta possa produzir” (KELLY, 1972: P. 166). Logo, jornalismo também se estabelece como arte, e vice-versa.

Falar sobre lutheria através do fotojornalismo teve um resultado bastante positivo, abrangendo todas as instâncias que se predispôs a abordar. Dessa forma, “O berço da música” cumpre o seu papel social de promover o estreitamento entre sociedade e arte e de defender a cultura através de um trabalho artístico-informativo, realizado com base nas técnicas e teorias aprendidas no curso de Jornalismo. Que este ensaio colabore com a realização de outros trabalhos do gênero, uma vez que incentiva e valoriza a continuidade de manifestações da informação e da arte, cuja essência reside nas vias racional e emocional da interação, sem as quais não é possível haver comunicação entre os homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

COSTA, H e RODRIGUES, R. **A fotografia moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

FREUND, G. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 1995.

KELLY, C. **Arte e comunicação**. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.